

I

Naquele dia 25 de Junho, por volta das quatro da tarde, tudo parecia pronto para a coroação de Talu VII, imperador do Ponukelé, rei do Drelchkaff.

Apesar do Sol declinante, o calor sufocava naquela região de África, vizinha do Equador, e cada um de nós sentia-se duramente incomodado pela tempestuosa temperatura que a brisa não conseguia alterar.

Diante de mim, estendia-se a enorme Praça dos Troféus, situada no coração de Ejur, imponente capital composta por inúmeras palhotas e banhada pelo Oceano Atlântico, cujos longínquos bramidos podia ouvir à minha esquerda.

O quadrado perfeito da esplanada estava delimitado por uma fileira de sicómoros centenários; as armas, profundamente enterradas na casca de cada tronco, sustinham cabeças cortadas, ouropéis, adornos de todos os géneros, ali amontoados por Talu VII ou pelos seus antepassados no regresso de muitas campanhas triunfais.

À minha direita, diante do ponto médio da fileira de árvores, elevava-se, semelhante a um palhaço gigantesco, um teatro vermelho, em cujo frontispício as palavras *Clube dos Incomparáveis* ocupavam, em letras prateadas, três linhas brilhantemente iluminadas de grandes raios dourados que se expandiam em todas as direcções como em redor de um sol.

No palco, agora visível, uma mesa e uma cadeira pareciam destinadas a um conferencista. Vários retratos sem moldura presos no cenário de fundo eram acompanhados por um leiteiro explicativo assim concebido: *Eleitores de Brandeburgo*.

Mais perto de mim, no alinhamento do teatro vermelho, erguia-se um grande estrado de madeira sobre o qual, de pé e dobrado, Nair, um jovem negro de apenas vinte anos, se entregava a um trabalho absorvente. À sua direita, dois postes pregados em cada ângulo do estrado estavam ligados na extremidade superior por um fio longo e flexível, que se curvava sob o peso de três objectos pendurados em fila e distintamente expostos como se fossem lotes de uma tómbola.

O primeiro objecto era nem mais nem menos do que um chapéu de coco cuja copa negra exibia a palavra «APANHADA», inscrita em letras maiúsculas esbranquiçadas; depois vinha uma luva de pele, de um cinzento-escuro, voltada do lado da palma da mão e decorada superficialmente com um *P* desenhado a giz; em último lugar, balançava-se uma leve folha de pergaminho, cheia de estranhos hieróglifos, deixando ver no cabeçalho um desenho bastante tosco que representava cinco personagens deliberadamente ridicularizadas pela postura geral e pelo exagero dos traços.

Preso ao seu estrado de madeira, Nair tinha o pé direito atado por grossas cordas entrelaçadas que formavam um verdadeiro *laço* fortemente pregado à sólida plataforma; semelhante a uma estátua viva, Nair fazia gestos lentos e pontuais, enquanto ia murmurando com rapidez sequências de palavras aprendidas de cor. Diante dele, colocada num suporte com uma forma especial, uma frágil pirâmide feita de três bocados de cortiça colados parecia atrair toda a sua atenção; a base, voltada para o lado dele, mas sensivelmente elevada, servia-lhe de tear; sobre um anexo do suporte, tinha ao alcance da mão uma provisão de caroços de fruta externamente revestidos por uma substância de origem vegetal acinzentada, que fazia lembrar um casulo de larvas prestes a transformarem-se em crisálidas. Pressionando ligeiramente com dois dedos um fragmento daqueles delicados invólucros e retirando lentamente a mão, o jovem criava um fio extensível semelhante às teias de aranha que, na época da Primavera, se estendem nos bosques. Esses filamentos imperceptíveis serviam-lhe para compor um trabalho de fadas subtil e complexo, porque as duas mãos trabalhavam com uma agilidade sem par, cruzando, atando, misturando de todas as maneiras os ligamentos de sonho que se mesclavam com graciosidade. As frases que recitava baixinho serviam-lhe para regular as manobras perigosas e certas; o menor erro podia causar um prejuízo irreparável ao conjunto e,

sem a ajuda da memória automática fornecida por um formulário que tinha decorado, palavra por palavra, Nair jamais teria alcançado o seu objectivo.

Em baixo, à direita, outras pirâmides deitadas no chão junto do pedestal, com o vértice para trás, permitiam apreciar o efeito do trabalho depois de acabado; a base, de pé e visível, era delicadamente indicada por um tecido quase inexistente, mais ténue do que uma teia de aranha. No fundo de cada pirâmide, por detrás do imperceptível véu da trama aérea, uma flor vermelha, fixada pelo caule, atraía fortemente a atenção.

Não muito longe do palco dos Incomparáveis, à direita do actor, dois pilares, a uma distância de quatro a cinco pés, sustinham um aparelho em movimento; em cima do mais próximo, via-se um longo eixo, em torno do qual estava enroscada uma tira de pergaminho amarelado formando um grosso rolo; pregada solidamente ao pilar mais distante, uma placa quadrada, colocada como se fosse uma plataforma, servia de base a um cilindro vertical, movido com lentidão por um mecanismo de relojoaria.

A tira amarelada, desdobrando-se alinhadamente em toda a extensão do intervalo, vinha enlaçar o cilindro que, girando sobre si mesmo, a atraía continuamente para o seu lado, em detrimento do distante eixo, arrastado à força no movimento giratório.

No pergaminho, sucediam-se grupos de guerreiros selvagens, desenhados em traços largos, e nas poses mais diversas: uma coluna de guerreiros, correndo a uma velocidade louca, parecia perseguir um inimigo em fuga; outra, emboscada atrás de um talude, esperava pacientemente a oportunidade de se mostrar; aqui, duas falanges, igualladas em número, lutavam encarniçadamente corpo a corpo; além, tropas recém-chegadas lançavam-se com bravura e grandes gestos numa longínqua batalha. O desfile contínuo oferecia constantemente novas surpresas estratégicas, graças à multiplicidade infinita dos efeitos obtidos.

* * *

Na minha frente, no outro extremo da esplanada, estendia-se uma espécie de altar, precedido por vários degraus cobertos por um fofo tapete; uma camada de tinta branca atravessada de linhas azuladas dava ao conjunto, visto de longe, a aparência do mármore.

Na mesa sagrada, representada por uma tábua comprida colocada a meia altura do edifício, e escondida por um pano, via-se um rectângulo de pergaminho repleto de hieróglifos e posto na vertical perto de uma grande bureta cheia de azeite. Ao lado, uma folha maior, feita de um grosso papel de luxo, ostentava a seguinte inscrição cuidadosamente desenhada em letras góticas: *Casa-reinante Ponukelé-Drelchkaff*. Sob a inscrição, uma moldura redonda, uma espécie de miniatura finamente colorida, representava duas jovens espanholas de treze ou catorze anos cobertas com a mantilha nacional: duas irmãs gémeas, a julgar pela perfeita semelhança dos seus rostos. À primeira vista, a imagem parecia fazer parte integrante do documento mas, depois de uma observação mais atenta, descobria-se uma estreita faixa de musselina transparente que, pegada simultaneamente aos bordos do disco pintado e à superfície do sólido velino, tornava quase perfeita a união de dois objectos que, na realidade, eram independentes um do outro. À esquerda da dupla efígie, o nome «SUAN» era exibido em enormes maiúsculas; em baixo, o resto da folha tinha sido preenchido com uma árvore genealógica que incluía dois ramos distintos, que derivavam paralelamente das duas graciosas ibéricas que formavam a cúpula suprema. Uma dessas linhas terminava com a palavra «Extinção» que, escrita em caracteres quase tão grandes como o título, atingia brutalmente o efeito pretendido; a outra, pelo contrário, descendo um pouco menos do que a sua vizinha, pela ausência de qualquer barra que a detivesse, parecia desafiar o porvir.

Perto do altar, à direita, verdejava uma palmeira gigante, cuja admirável vitalidade atestava a sua antiguidade; um cartaz, pendurado no tronco, apresentava uma frase comemorativa: «*Restauração do imperador Talu IV no trono dos seus antepassados*». De lado, protegida pelas palmas, uma estaca cravada no solo ostentava um ovo cozido na plataforma quadrada formada pela cúspide.

À esquerda, a igual distância do altar, uma planta alta, velha e lamentável fazia uma triste figura ao lado da palmeira resplendente: era uma velha árvore-da-borracha sem seiva, quase podre. Numa padiola de ramos, colocada à sua sombra, jazia o cadáver do rei negro Yaur IX, classicamente vestido como a Margarida do *Fausto*, com um vestido de lã cor-de-rosa de saia curta e uma farta peruca loura, cujas enormes tranças, passando por cima dos ombros, lhe chegavam até ao meio das pernas.

* * *

À minha esquerda, atrás da fila de sicómoros e em frente do teatro vermelho, um prédio cor-de-pedra, fazia lembrar, em miniatura, a Bolsa de Paris.

Entre este edifício e o ângulo noroeste da esplanada, alinhavam-se várias estátuas em tamanho natural.

A primeira representava um homem mortalmente ferido com uma arma cravada no coração. Instintivamente, levava as duas mãos à ferida, enquanto as pernas se flectiam sob o peso do corpo, atirado para trás e prestes a cair. A estátua era negra e parecia, à primeira vista, feita de um só bloco, mas o olhar ia gradualmente descobrindo uma grande quantidade de sulcos traçados em todas as direcções e formando, em geral, muitos grupos paralelos.

Na realidade, a obra compunha-se unicamente de inúmeras barbas de espartilho cortadas e dobradas segundo as necessidades da modelagem. Uns pregos de cabeça chata, cuja ponta se curvava provavelmente no interior, soldavam aquelas lâminas flexíveis, que se justapunham com arte, sem deixarem ver o menor interstício. A figura em si, com todas as suas minudências de expressão dolorosa e angustiada, estava feita com bocados bem ajustados que reproduziam fielmente a forma do nariz, dos lábios, do arco das sobrancelhas e do globo ocular. O cabo da arma cravada no coração do moribundo dava ideia das grandes dificuldades vencidas, graças à elegância do punho, no qual se encontravam vestígios de duas ou três hastes flexíveis cortadas em pequenos fragmentos arredondados como anéis. O corpo musculoso, os braços crispados, as pernas nervosas e quase dobradas, tudo parecia palpitar ou sofrer devido ao movimento comovente e perfeito dado às invariáveis lâminas escuras.

Os pés da estátua estavam assentes num veículo muito simples, com uma plataforma baixa e quatro rodas feitas com outras hastes engenhosamente combinadas. Dois carris estreitos, feitos de uma substância crua, avermelhada e gelatinosa que não era outra coisa senão bofe de vitela, alinhavam-se numa superfície de madeira enegrecida e davam, pela sua modelagem e não pela cor, a ilusão exacta de uma parcela da via-férrea, onde as quatro rodas imóveis deslizavam sem a esmagarem.

O fundo da carruagem formava a parte superior de um pedestal de madeira, completamente negro, cuja parte principal ostentava um le-